

O que se passa 'entre' leituras e escritas experienciadas em um espaço de pós-graduação?

What is going on 'between' readings and writings experienced in a graduate space?

Francieli Regina Garlet¹

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Busco neste artigo pensar o que se passa 'entre' leituras e escritas. Falo da leitura de um lugar que não a compreende como algo a ser memorizado ou mesmo entendido; falo de uma escrita que escapa a ordem da representação; penso em ambos como experiência, como encontro que dispara o pensamento a pensar, que faz passar algo, ou que ocupa um intervalo, um vazio, que se aloja 'entre' o ato de ler e o ato de escrever. Skliar (2014), Deleuze (2006, 1992), Deleuze e Guattari (1992), Blanchot (2005, 2010), Larrosa (2011), Corazza (2007) e Levy (2011) são algumas leituras que atravessam ou mesmo tornam possível essa escrita que intenta pensar também algumas experiências de leitura e escrita que tenho experimentado no espaço de uma Pós-graduação em Educação.

Palavras-chave: Leitura, escrita, vazio, filosofias da diferença.

Abstract

In this article, I aim at thinking what happens 'between' readings and writings. I consider reading from a perspective that does not take it as something to be memorized or understood. I consider it as escaping the order of representation. I think of both as experience, as an encounter that triggers thinking, that makes things pass, or something that occupies an interval, an empty space that is installed 'between' the acts of reading and writing. Skliar (2014), Deleuze (2006, 1992), Deleuze and Guattari (1992), Blanchot (2005, 2010), Larrosa (2011), Corazza (2007), and Levy (2011) are some of the readings that cross or even make possible this writing that seeks to think some reading and writing experiences as well that I have experimented in the space of a graduate program in Education.

Keywords: Reading, writing, empty space, philosophies of difference.

Começar pelo 'entre'...

Que fluxos de forças atravessam o 'entre' que se aloja em meio à leituras e escritas? Pode uma escrita científica ser composta com blocos de sensações¹? Com afetos e

¹ Deleuze e Guattari (1992) mencionam que um artista cria blocos sensações. Blocos que precisam se manter em pé sozinhos, manterem-se vivos. Blocos que colocam quem experiencia a obra na presença de "afectos não

visualidades que vem produzir vizinhança com linhas de escrita, tecendo composições que não se pretendem fechadas, conclusas, mas que deixam vazios a serem experienciados por quem se aventurar em suas fissuras?

Busco pensar com esse artigo experimentações de leitura e escrita que vem compondo uma pesquisa que se dá em um Programa de Pós-graduação em Educação. Me interessa, sobretudo, pensar os vazios. Vazios que se alojam entre leitura e escrita e também entre escritas e imagens, que compõe uma pesquisa que não se quer dada, ou concluída, que não se quer interpretada, mas que se deseja experienciada por quem se aventurar a saltar em seus vazios, ou a produzir vazios outros a partir da vizinhança que produzir com ela.

Quero escrever/pensar uma leitura e escrita que se dão em uma pesquisa cuja composição escapa a um modo descritivo, prescritivo, ou analítico, e se produz mais como experimentações de afetos que disparam pensamento e escrita. Composição com imagens e escritas, que não se desejam explicativas, ilustrativas umas das outras, mas que em sua aproximação deixam vazios que mantém a sua heterogeneidade... Ou que cavam vazios em sua aproximação.

As leituras de obras de autores como Blanchot (2005, 2010), Deleuze (1992, 2006), Deleuze e Guattari (1992, 1997), Corazza (2007) e Levy (2011) me disparam a pensar esses vazios. Penso com eles uma leitura e escrita que junto a outros afetos que se dão em meio ao cotidiano, cavam, esburacam, produzem vazios em meio a ditos e vistos, produzindo possibilidades de experienciá-los que se dão de forma singular em meio a essa vizinhança que, leituras, afetos cotidianos e escrita produzem. Com Larrosa (2007, 2011) e Skliar (2014) penso uma leitura e escrita que se dão como experimentação, como produção, como invenção e não como interpretação, ou compreensão de algo que já esteja dado.

O que pode um corpo de palavras? Leitura e escrita como experiência...

Atrevo-me a falar de palavras de um lugar não especialista em palavras. Digo das contaminações a que estou exposta por ocupar boa parte de meu tempo com leituras e escritas de diferentes ordens. O que se passa nessa experimentação?

Há leituras que não colam em mim, outras das quais não consigo desgrudar e que acabam por me fechar em hábitos e certezas. Outras ainda das quais preciso retomar o fôlego, tamanha a violência com que passa através de meus olhos, desconstruindo convicções e violentando meu corpo a pensar, e a pensar com a escrita, com afetos,

conhecidos" fazendo estes afectos virem "a luz do dia" (1992, p. 226). Como os autores mencionam "toda sensação é uma questão, mesmo se só o silêncio responde a ela" (1992, p. 251).

imagens e sem imagem do que seja pensar². Um tal encontro que é tão outro, que não cabe ali a compreensão, a identificação ou apropriação (LARROSA, 2011), encontro/batalha do qual se erguem névoas que se assentam em lugares outros, que não aquele que costumo ocupar, e que não é nem mesmo aquele ocupado pelo autor. Então, escritas nascem incompletas, sem saber muito o que dizem, querem vazar, e sofrem para produzir aberturas pelas quais possam passar... Escritas que não se mantêm como estão, que serão rasuradas, reorganizadas, e das quais podem brotar num outro momento, até mesmo distante, outras escritas, outras composições, em meio à vizinhanças por vir.

Seria a escrita um modo de agarrar em meio ao vento que sopra no pensamento, elementos que ficaram em suspenso em meio a uma leitura e outra, entre um afeto e outro, entre leituras e afetos cotidianos?

Creio que tenho experimentado tal movimento em algumas leituras que tenho feito na Pós-graduação em Educação, especialmente leituras de obras de Deleuze, Deleuze e Guattari, Blanchot e seus comentadores, leituras que desacomodam, e que me parece, exigem um outro posicionamento do leitor, que não o de uma compreensão ou interpretação, mas um movimento de experimentação e de escuta ao que vibra e dispara o pensamento a pensar, sem propriamente chegar a um apaziguamento de uma apreensão fechada, e que talvez, mais se abra a conexões do que se feche em entendimentos.

Tenho, a partir de tais leituras, garrado com a escrita alguns afetos, que deixo em suspenso, e com os quais dedico um 'perder tempo', um tempo de estar à espreita do que vem conectar-se a ele e produzir algo que ainda não se sabe, que ainda não conheço, e que talvez não se resolva nem mesmo ao se materializar em escrita, ficando com suas pontas à espreita de algo que o faça ainda escoar, irresoluto. Esses elementos que agarro com a escrita e deixo em suspenso, podem esperar um longo tempo, assim como o carrapato que permanece em cima de uma árvore (DELEUZE, 1988-1989), até encontrar o cheiro, o afeto que o faz saltar e grudar na pele de algo, e entrar em composição com ele, extraíndo vida, outras escritas, dessa composição.

É preciso ter calma para não espantar os devires diziam Deleuze e Guattari (1992) em *O que é filosofia?* Estar à espreita do que pode funcionar como potência para o corpo/pensamento... Larrosa (2011, p. 13) fala de uma escuta em que "alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa". Uma escuta que não se ocupa em trazer o outro (que lemos) a todo custo a algo conhecido, identificável, mas que mantém o outro como outro, como alteridade com a qual se possa conversar e

² Segundo Pelbart (2007) "um pensamento sem imagem é aquele que não obedece a uma imagem prévia do que seja pensar, isto é, a um modelo prévio que orienta e formata, que determinaria de antemão o que significa pensar ou orientar-se no pensamento" (p. 29). Pensamento da imanência.

inventar produzir coisas juntos. Skliar diz de uma conversa com desconhecidos, conversar com desconhecidos

significa não conhecer o mundo de antemão, não conhece-lo jamais, sentir-se parte de uma peça irremediavelmente decomposta, olhar para a imensidão como se nunca tivéssemos deixado de ser crianças, permanecendo no estado de infância (SKLIAR, 2014, p. 149).

Olhar como criança supõe despir os olhos de pelo menos algumas camadas dos modos de ver com os quais estamos acostumados a olhar, com os quais nos ensinaram a ver. Escavar as camadas de pele que nos impedem de sentir o outro, de sentir o tremor do mundo... Como escutamos aquilo que lemos? Nos abrimos ao frescor daquilo que é outro, ou tentamos a todo custo trazer aquilo que lemos a um terreno conhecido, da compreensão?

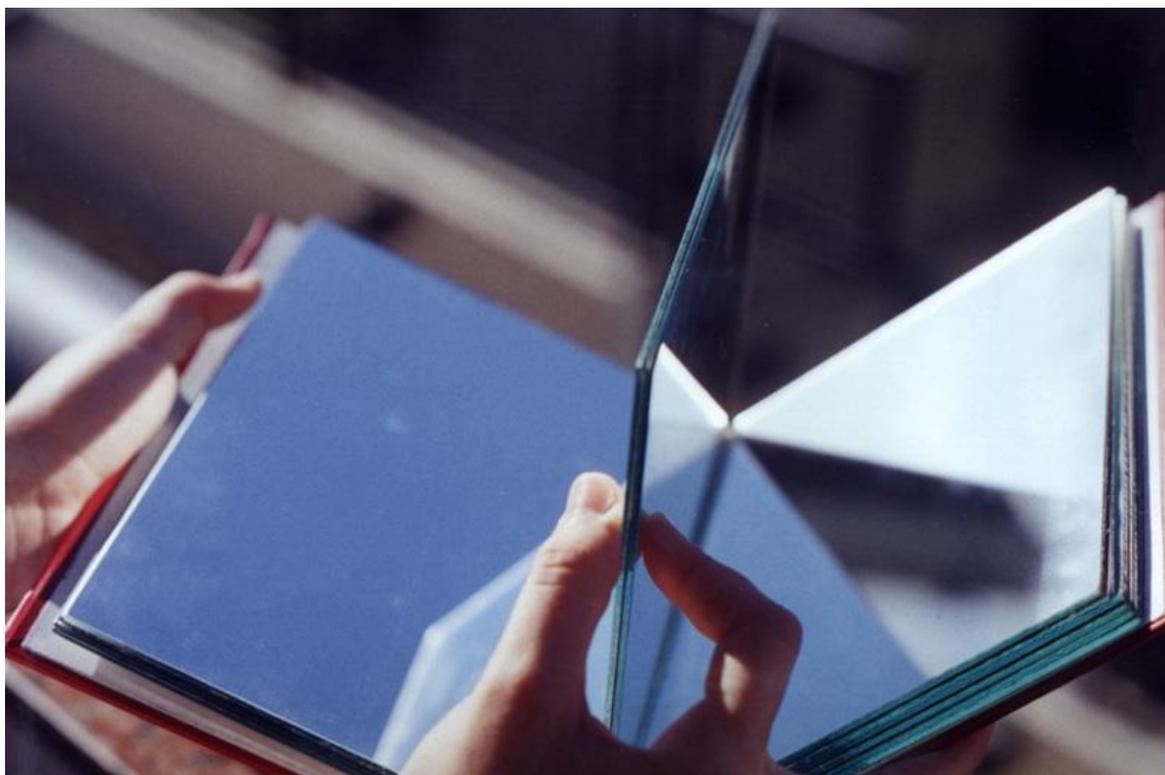


Figura 01 - Marilá Dardot, O livro de areia, 1999.
Fonte: <http://www.mariladardot.com/images.php?id=33>

A partir de um fragmento escrito por Heráclito – “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” – e do conto *O livro de areia* de Jorge Luis Borges, a artista mineira Marilá Dardot produziu uma obra que consiste em um livro cujas páginas são produzidas com espelhos. Tal obra dispara questões sobre como acontece nossas experiências com a leitura. Se não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, poderíamos experimentar um

livro duas vezes da mesma maneira? Poderíamos produzir duas leituras idênticas de um mesmo elemento? Que leituras nos convidam a nos tornarmos outros? Que leituras nos repetem e reforçam? Que leituras nos fazem desconfiar de nós e de nossas certezas? Que leituras as reforçam?

Muitas vezes, a sede por informações, por dar conta de um determinado saber, acaba espantando as experiências que poderiam se dar em uma leitura e acabamos por não nos dar conta das problematizações e invenções que poderiam surgir em meio a esse processo.

Pensar a leitura e a escrita como experiência supõe experimentá-las como aventura, como um expor-se aos perigos das forças que se agitam entre uma palavra e outra, uma coisa e outra, entre nós e aquilo que lemos e escrevemos. Experimentar esse distanciamento que mantém a heterogeneidade daquilo que é lido e daquele que lê, que não busca sínteses enquanto associações, acordos ou apaziguamentos, mas que experimenta o caos que se agita em meio, no 'entre' que se aloja entre um e outro...

Deixar-se afetar e afetar o outro... Escutar, conversar... Contaminar e deixar-se contaminar... Espreitar as lufadas de ar fresco que perpassam essas fissuras entre nós e aquilo que é 'outro' naquilo que lemos. Segundo Larrosa, "a experiência [...] sempre tem algo de primeira vez, algo de surpreendente" (LARROSA, 2011, p. 16-17). Desse modo, o importante, desde o ponto de vista da experiência, é espreitar em meio as nossas vivências, elementos que possam funcionar como disparadores para pensarmos o que ainda não sabemos pensar, ou o que ainda não podemos pensar, ou o que ainda não queremos pensar (LARROSA, 2011). Escutar, ler, sentir "isso que as coisas (textos, filmes, notícias, pessoas, objetos, animais, cotidiano, etc) têm a nos dizer" (LARROSA, 2007, p. 133) e experimentar, nessa relação, outros modos de existência.

Leitura e escrita como forma de cavar vazios...

Palavras se juntam. Afirmam, negam, contém, roubam, nada dizem, tudo dizem. Voltam atrás, são rasuradas, reescritas. Se sujam do outro, contaminam-se, transmutam-se. Acionam, disparam, rompem, curto-circuitam. Se esburacam, correm em vazamentos pelos furos de seu próprio organismo, furam o organismo de outras palavras. Veem seu fluxo escorrer e se misturar a outros fluxos. Deliram, fazem variar o sentido dado. E nessa embriaguez, assistem, assustadas, ao nascimento de um outro coletivo de palavras que por sua vez também serão esburacadas pela violência do encontro com outros coletivos, coletivos por vir, povos por vir.

Entre palavras que se juntam, insiste um intervalo, um vazio onde fluxos de forças correm como crianças...

Corazza (2007, p. 122) nos fala de "pontos de silêncio, vazios de linguagem", que se produzem "entre uma linguagem e outra". Segundo a autora é nesse 'entre' que pairam

"pontos de vista não perspectivados, enunciados ainda a serem articulados". É nesses espaços, ainda, que torna-se possível

[...] produzir abalos; provocar mudanças no que somos capazes de ver e de dizer; dar alegres cambalhotas; radicalizar nossas relações com o poder e o saber; partir as linhas; mudar de orientação; desenhar novas paisagens; promover outras fulgurações. Enfim, artistar, inventando novos estilos de vida e, portanto, de práticas (CORAZZA, 2007, p. 122).

O vazio é pensado aqui, portanto, como um espaço que se aloja 'entre' verdades, 'entre' discursos, 'entre' saberes, 'entre' vistos e ditos. Um espaço em que é possível pensar, dar vazão ao pensamento, deixando-o esticar-se até produzir consigo o impensável, o ainda não visível, o ainda não escrito, lido, enunciado, visto...

Blanchot (2010) nos fala de um vazio, de um intervalo, que se aloja entre o que dizemos e aquilo (a coisa) do qual falamos, um distanciamento que não permite equivalência entre ambos, "falar não é ver" ele nos coloca. Segundo o autor, este vazio seria "um intervalo que sempre se cava e cavando-se se preenche, o nada como obra em movimento" (BLANCHOT, 2010, p. 35). Um 'entre' que, portanto, nunca é calmaria. Onde o que vem a preenchê-lo, jamais o fecha, pois o próprio movimento de cavá-lo o preenche com possibilidades que são criadas e desfeitas a cada vez neste próprio movimento. O vazio se mostra, portanto, como um espaço onde certezas se desfazem, onde a linguagem pode se despojar dos estratos que a constitui para abrir-se a outras possibilidades de existência.

Esse distanciamento entre aquilo que vemos e falamos/escrevemos são pensados por Blanchot a partir da literatura, e é a partir dela que ele entende esse intervalo, esse vazio, enquanto potência, enquanto espaço para invenção. Levy (2011) menciona que o autor faz uma diferenciação entre o que chama de "palavra literária" e de "palavra usual". Na palavra usual enquanto linguagem cotidiana "a linguagem não passa de um instrumento, encontra-se subordinada a fins práticos da ação, da comunicação, e da compreensão" (LEVY, 2011, p. 19), já a palavra literária enquanto linguagem de ficção "tende a criar um objeto e não a representá-lo" (LEVY, 2011, p. 21).

Há, portanto, nas duas situações, o vazio, o distanciamento no qual a coisa da qual falamos se encontra ausente; acredito, porém, que são duas maneiras distintas de se aventurar, ou não, nesse vazio. No primeiro caso (palavra usual) preenchemos este vazio com a finalidade, com a compreensão, com a comunicação, com a repetição de sentidos aos quais estamos acostumados. E no segundo caso cavamos ainda mais o vazio de modo a experienciá-lo, a vivê-lo, numa situação de estranhamento, que vai nos abrindo outras possibilidades, como afirma Levy "o realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer" (2011, p. 25). Cavamos um

vazio que nos desacomoda, no qual não conseguimos ficar inertes em meio a violência das forças que pairam nele. Assistimos nesse espaço a diluição de algumas de nossas certezas e sentimos que algo em nós está sendo desfeito. Nos sentimos provocados nesse desfazimento das formas, a inventar, a partir do que temos em mãos outros de nós, outras possibilidades de vida. Não permanecemos nesse movimento, os mesmos de antes.

Se os vazios estão, por toda a parte, “entre uma linguagem e outra” (CORAZZA, 2007, p. 122) o que invisibilizaria este vazio? A rotina da linguagem cotidiana, os discursos, os saberes e as verdades que grudam em nós? O intervalo, já existente, estaria apenas camuflado (embora visível) em meio ao que satura o espaço com tantos ditos e vistos (um mais verdadeiro que o outro)? Seria então preciso fazer um exercício de cavar vazios? Ficar à espreita do que pode funcionar como ferramenta para tal? Seria possível cavar vazios com a leitura? Com a escrita? Pode uma escrita acadêmica deixar-se cavar? O que nos potencializa na academia a cavar vazios? O que pode uma escrita que produz mais aberturas que fechamentos?

Cavar vazios e assim experencia-los. Rachar as coisas, rachar as palavras, diria Deleuze (1992) a partir de Foucault. Produzir espaços nos quais outros visíveis possam brotar em meio as palavras, e outras palavras possam brotar em meio aquilo que vemos. Viver este espaço onde “a intencionalidade cede lugar a todo um teatro, uma série de jogos entre o visível e o enunciável” onde “um racha o outro” (DELEUZE, 1992, p. 134).

Segundo Deleuze (2006, p. 93-94), “pensar é chegar ao não estratificado. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera no interstício, na disjunção entre ver e falar”. Levy (2011) diz de uma experiência do fora que estaria relacionada ao pensar e também à arte. Uma experiência que acontece quando há “uma violência que nos tira do campo da reconhecimento”, uma violência que nos lança ao imprevisível, “onde nossas relações com o senso comum são rompidas, abalando certezas e verdades” (2011, p. 100). Experiência na qual o pensar e a arte agem como formas de resistência, na qual percebemos a urgência de modificar aquilo que não toleramos mais, produzindo outras possibilidades de vida, “possibilidades que são inauguradas no próprio processo de mutação” (LEVY, 2011, p. 100).

Creio que a experiência do fora também diga respeito à experiência deste vazio que busco abordar nessa escrita. A experiência de cavar vazios com a leitura e a escrita, enquanto experiência do fora. Artistagens... que na leitura se dá em uma espreita ao que funciona como potência para cavar vazios no que já está dado, pronto, e que com a escrita produz blocos de sensações, a serem experienciados pelo ‘outro’ de uma maneira singular, sem prescrições, sem nada oculto a ser revelado ou descoberto. Uma escrita cuja sina é esperar por agenciamentos que disparem outras produções... Produções de

produções, sem preocupação com produtos finais que deem conta dela, ou a fechem em um 'ser'.

Ler e escrever, como modo de cavar vazios e assim experienciá-los. Cavar as coisas, cavar as palavras. Não para descobrir algo que nelas se encontre, ou um sentido que estaria ali escondido. Alojarse no 'entre', alojarse na parte vazia dos ditos e vistos, e cavar... Cavar enquanto houver potência, cavar pelo prazer de cavar, e nesse movimento desfazer um pouco do que estava 'pronto' ou 'dado'. Cavar para abrir espaço, criar refúgio no qual não se pode proteger-se. Refugiar-se "na fuga que retira todo refúgio" (BLANCHOT, 2010, p. 57) e assim nos lançar num movimento infinito que nos faz tremer e vibrar ao mesmo tempo que as coisas e as palavras. Espaço de morrer e nascer infinitos.

Muitas vezes temos necessidade de preencher o vazio com o que nos dá segurança. Tememos ou não suportamos o estado de não saber, de não ter certeza, de não compreender, de não ser... E com isso, com esta insistência em colocar tudo em suas 'caixinhas' que nos afagam e aliviam com um 'ser' com um 'é', olhamos apenas o lado no qual as coisas se parecem, não vemos os abismos das coisas, e as sutis diferenças que bailam em suas névoas e se misturam a névoas de outros abismos que se aproximam a partir de outras formas visíveis e enunciáveis. Ou quem sabe, até percebamos este abismo do vazio (a parte das coisas que ainda não tem formas visíveis e enunciáveis), mas, tememos saltar neles, experimentá-los.

O vazio é violento demais, tira o chão, mas também abre espaço para que outras coisas sejam produzidas, inventadas, a partir dos ruídos e névoas que experimentamos ao saltar neles.

Barthes (2003) nos diz de uma arrogância, que tudo preenche, que tudo satura com verdades, saberes, discursos e evidências... Uma fartura que não dá espaço para respiro, para passagens de ar, para um pouco de vazio para não sufocar. Menciona ainda que no "desejo de não deixar nada a desejar" no "obrigar à satisfação" não deixamos "nessa plenitude nada a desejar" (BARTHES, 2003, p. 316).

Somos muitas vezes forçados a nos decidir entre o sim ou não, quando necessitaríamos de um espaço para encorajarmo-nos a pular no vazio, um espaço para poupar a voz "para o caso de as coisas virem a ser ainda, um dia, de outro jeito" (BARTHES, 2003, p. 319).

Conforme menciona Deleuze (1992, p. 172) "Não sofremos de falta de comunicação, mas ao contrário, sofremos com todas as forças que nos obrigam a nos exprimir quando não temos grande coisa a dizer". Creio que o espaço que o vazio nos proporciona, a alegria do saltar nele, ou este esforço em cavar o vazio e com este movimento preenchê-lo (movimento que não cabe nas formas já conhecidas do saber) são necessários para que possamos experimentar uma violência de outra natureza, que não nos force a falar

quando não temos nada a dizer, mas que nos tire o chão das formas prontas (da frase pronta, esperada pelo outro, e 'correta' a ser dita) e que nos arraste a um espaço, onde possamos aos poucos, perceber outras nuances, coisas ainda sem formas, com as quais podemos inventar e compor algo que nos seja desejoso de ser dito.

O vazio que intento cavar com a escrita, não se trata de um vazio que esteja completamente vazio, trata-se, de um 'vazio cheio', de névoas, virtualidades, substâncias não formadas, um borbulhar de forças e devires... Arrisco-me a dizer que é um espaço em que saltamos, ou que cavamos quando algo nos afeta. Um vazio em que resta apenas os abismos e atmosferas (de nós e do que nos afeta), onde germinam outras possibilidades. Um espaço de 'não saber ser', em que já não é nem mesmo um 'eu' que o habita, pois é um espaço em que nada é ainda, um espaço no qual só nos cabe inventar (e inventar-nos), e assim produzir formas outras, abrigos outros e outros de nós mesmos.

Barthes em seus escritos pergunta "em que difíceis condições um discurso pode não ser arrogante" (2003, p. 314) e no decorrer de sua escrita menciona que "a escritura é precisamente o discurso que, sem dúvida, desmonta a arrogância do discurso" (2003, p. 333). Para o autor escrever é "praticar uma violência do dizer (o dizer como violência aconteça o que acontecer)" (2003, p. 334) é movimento de arrebatamento em quem escreve. Escreve-se a partir do pulo no vazio, onde nossas certezas são abaladas, onde o pensamento ganha tamanha velocidade que é preciso agarrar algumas poeiras que pairam nos ares que ele habita, para poder retomar mais tarde, e para que se possa atualizá-los em escrita. Experiência de escrita que arrebatava quem à experimenta e da qual não se pode sair o mesmo de antes.

Como a leitura, a escrita, imagens e os vazios atravessam uma pesquisa em educação que intenta pensar a docência?

Entre leituras e escritas também brotam sensações. Afetos que se tornam visíveis em meio a palavras e que se tornam enunciáveis em meio à visualidades. Conto aqui de uma pesquisa em educação que busca pensar a docência e que brota em meio ao campo da arte e da filosofia, em meio a fricção de planos de imanência e de composição (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Que experimenta, se aproxima de leituras filosóficas não com a pretensão de abarcá-las filosoficamente, mas a partir do que vibra com essas leituras no campo da arte e da educação, produzindo arranjos... conectando imagens e escritas buscando mantê-los em sua heterogeneidade... Imantando imagens para que atraiam palavras que se agitam no caos, magnetizando palavras e conceitos para que imagens se aproximem deles... Mantendo os pólos de força em tal posição que produza entre eles um vazio, um distanciamento para que um tensionamento aconteça, e para que algo de não conhecido possa ainda nascer nessa relação.

Vou componho pesquisa, pois, com imagens e escritas, entre elas invento docências. Tento também manter alguns vazios, enquanto abertura para algo que ainda não sei, algo que não imagino que possa surgir dessa relação, algo que possa ser criado por possíveis leitores que a experimentarem, ou mesmo por mim em outro momento que cruzar por ela.

Experimento leituras que me disparam a cavar vazios e a me lançar em seus fluxos borbulhantes de forças, nesse fluxo espreito e agarro elementos, com os quais vou esboçando escritas e imagens... produzindo arranjos e inventando docências em meio a essas composições...

Experimento leituras, escritas, imagens... Afetos que recolho no movimento de um pesquisar andarilho³ (GARLET, 2014) ... e, enquanto pesquisadora andarilha, aprendo com as traças e com Blanchot (2005, 2010) outro modo de andarilhar. Se num outro momento o andarilho perambulava 'entre' o instituído, agora ele sente a necessidade de cavar o instituído para abrir espaço, cavar o espaço sedentário que busca conter o espaço liso (DELEUZE; GUATTARI, 1997), para que o pensamento possa andarilhar e ganhar potência... Cavar um vazio onde tudo parece cheio, e preservá-lo... não no sentido de mantê-lo intacto, mas de que se possa habitá-lo de diferentes maneiras, sem preenchê-lo de maneira definitiva...

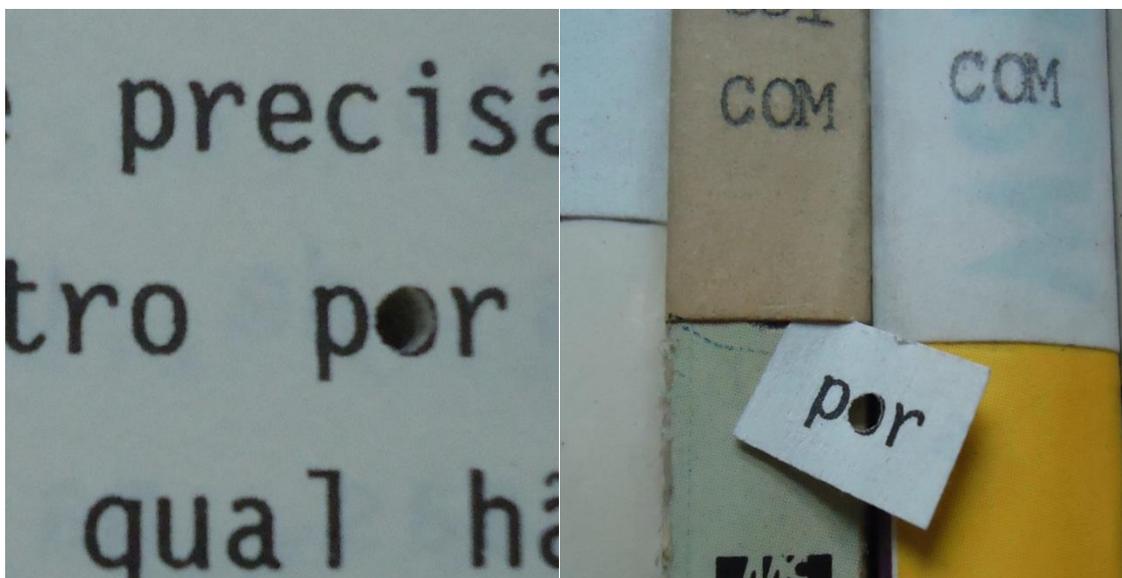


Figura 02 - À esquerda fotografia de livro perfurado/devorado por uma traça. À direita experimentação artística realizada por mim com a palavra perfurada pela traça. Residência artística na Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide de Santa Maria, 2013.

³ A noção de pesquisador andarilho foi pensada e desenvolvida durante minha dissertação de mestrado (GARLET, 2014) a partir de uma lembrança de infância de um andarilho que visitava a casa de meus pais entrecruzada as noções de 'espaço liso/nômade' e 'espaço estriado/sedentário' (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Enquanto andarilha que devém traça, perambulo entre espaços de uma pós-graduação, entre leituras das quais tenho de dar conta, leituras que me contaminam e que contamina, leituras que experieço, que escuto, e que se mantêm em suspenso à espreita de conexões, que me disparam a pensar, em momentos de deslocamento e também em momentos de repouso⁴. Leituras que disparam escritas, imagens, e que abrem espaço para a experimentação de um espaço liso/nômade (DELEUZE; GUATTARI, 1997), onde o pensamento não atende a uma ordem do que se seja pensar. Leituras que ao se conectarem com minhas experimentações como docente, com minhas andanças cotidianas, com o encontro com paineiras e com o ruído de uma folha seca em meio a uma noite de insônia, me disparam a escrever/pensar à docência e a inventá-la ao passo que componho pesquisa em educação.

Nesse movimento vou cavando vazios tentando não fechá-los. Lançando convites, a quem experimentar o que compus, a cavar/saltar também nesse vazio o experimentando de um modo singular e inventado com ele conexões para além das que esbocei, conexões intensivas que funcionem como potência. Composições cuja potência está nas conexões por vir...

Composições (com escritas e imagens) que não são produzidas, portanto, com a intensão de arquivar (DIAS, 2014), mas como um modo de dar vazão as forças que atravessam encontros com aquilo que é outro... Que faz cavar os ditos e vistos que produzem docência, abrindo espaços para pensá-la desde outros lugares... na vizinhança com leituras de escritos filosóficos, com paineiras, com ruídos de folhas secas em meio a uma noite de insônia, e outros afetos que venham a dispará-la.

Sobre um artigo que se conclui e um processo que continua...

Ocupei o espaço desse artigo para pensar processos de leituras e escritas que tenho experimentado em um espaço de pós-graduação em educação. Interessou-me, especialmente pensar uma leitura e escrita enquanto experiência, produção, invenção. Quis falar de intervalos, de vazios, que se alojam entre leituras e escritas e escritas e imagens... Vazios pelo quais passam rajadas de vento, que guardam um pouco de caos para soprar nos nossos clichês... fluxos de forças que não permitem equivalências entre leituras e escritas e escritas e imagens...

⁴ Ao contrário do que comumente pensamos, o nômade não se dá apenas no movimento físico no espaço, pois ele tem a pausa também como parte do processo. "Por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso que se recusam a abandonar" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 189). Para ser nômade, não basta se locomover, é necessário manter um espaço liso, no qual o pensamento possa se movimentar, um espaço aberto, sem fronteiras ou organizações, um espaço de exterioridade desprendido da universalidade.

Pode uma leitura e uma escrita acadêmicas se produzirem mais como experimentação de vida e menos como documentação da vida? (DIAS, 2014). O que pode uma tal escrita e leitura em um espaço acadêmico? O que tem potencializado nosso corpo/pensamento nesses espaços? Que leituras nos convidam a cavar vazios? Temos coragem de cavar vazios no que está dado, julgado pronto, intocável? Escrevemos com certezas? Nos permitimos escrever com nossas dúvidas? Respondemos as nossas problemáticas ou a utilizamos como movimento?

Penso com a escrita desse artigo leituras e escritas que se produzem também em potência. Não acabadas. Que se oferecem a conexões que produzem com elas outras possibilidades, que nos lançam para além do que escrevemos e lemos, para além de supostos significados fechados que as coisas carregariam, ou a uma suposta iniciação a que teríamos que ser submetidos para poder compreender algo. Onde possamos também inventar uma maneira artista de produzir-nos inventar-nos em meio a leituras e escritas. Experiências nas quais, ao sermos lançados a uma desfiguração dos clichês que colecionamos, nos coloca na presença de um estranhamento, de um desfazimento de formas. Estranhamento onde somos violentados a produzir sentido, e não a encontrá-lo, ou desvelá-lo.

Referências

- BARTHES, Roland. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita. A palavra plural*. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.
- _____. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 103-127.
- _____. *Foucault*. 6ª reimpr. da 1ª. ed. de 1988. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; Revisão de tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- _____. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DIAS, Susana Oliveira. Escuta inumana: murmúrios de uma vida irrepresentável pelo grito arquivista... *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v.32, n. 62, p. 155-167, jun. 2014. Disponível em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/247/146>> Acesso em: 24 mar. 2016.

GARLET, Francieli Regina. *Pesquisar andarilho: cintilâncias e transbordamentos de uma docência*. 2014, 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/116>> Acesso em: 31 jan. 2016.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 129 -156.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: educar*. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ⁱ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE-UFSM). Mestre em Educação: Linha de Pesquisa LP4 – Educação e Artes (PPGE-UFSM). Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição. Membro do GEPAEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura.

Enviado em: 30 de maio de 2016.

Aprovado em: 01 de agosto de 2016.